

Os amigos não se abandonam

A gatinha da Antónia desapareceu. Não estava em cima da árvore, nem na caleira da água, nem por debaixo da tábua de passar.

– Se calhar anda à caça na cave – sugeriu a mãe.

– De certeza que está a dormir no sótão – disse o pai.

– Será que foi para o céu? – perguntou-se a avó, preocupada.

– Vou procurá-la – disse a Antónia. – Se calhar aconteceu-lhe alguma coisa. E os amigos não se abandonam.

Só que na cave havia apenas bicicletas e, no sótão, sobretudo pó. A gatinha continuava desaparecida.

– Então vou procurá-la no céu – decidiu Antónia.

E pôs-se a caminho.

Antónia passou por uma cabeça no ar e perguntou-lhe:

– Sabes onde está a minha gata?

A cabeça estava com muita pressa para chegar a casa e nem olhou para Antónia.

– Mal-educada – resmungou ela, continuando a andar.

Pouco depois, encontrou o polidor do sol ocupado a puxar o lustro a um raio de sol embaciado. Ele acenou-lhe com o pano do pó.

– Ah! Visitas, que bom! – exclamou alegremente. – Aproxima-te, minha filha!



– Ando à procura da minha gata. Pode ajudar-me? – pediu Antónia.

O polidor parou para pensar.

– Não, não vi a tua gata.

A rajada de vento dobrou a esquina a correr e a silvar.

– Sabes onde está a minha gatinha? – perguntou-lhe Antónia, tão alto quanto pode.

– Nem vi gatos nem vi galos – silvou a rajada. E fugiu dali abanando o leque. Antónia ainda ouviu, vindo de longe:

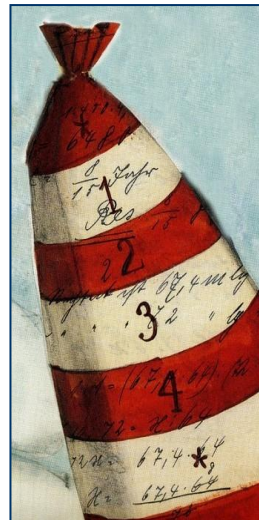
– Pergunta depressa ao vento!

– Podes perguntar-lhe agora mesmo. Cacei-o e meti-o dentro da manga – disse-lhe o Catavento por detrás dela.

– Viste a minha gatinha? – perguntou Antónia.

O Catavento espreitou para dentro da manga. Lá de dentro saíram sopros e assobios.

– Aqui não está nenhuma gata, lamento. Mas vou estar atento e, se a vir, digo-te.



encontrar a tua amiga, li nas estrelas – consolou-a.

E, triste, Antónia seguiu pela estrada de Santiago até casa.

Diante da porta da cozinha estava, enroscada, uma gata que ergueu a cabeça e bocejou.

– Por onde andaste este tempo todo? – perguntou-lhe Antónia, num tom um tanto ou quanto admoestador.

– Fui caçar ratos. Quando voltei, não te encontrei e pensei que te tinha acontecido alguma coisa. Então resolvi ir à tua procura. Os amigos nunca se abandonam.



– Pois é, temos de prestar atenção aos amigos – observou a noite.
– Eles não aparecem da noite para o dia.

– Eh, ó lua! – chamou. – Viste a gatinha da Antónia?

A lua revirou os olhos.

– Não sei. De noite todos os gatos são pardos... – e perguntou, dirigindo-se ao guardião de estrelas: – Viste uma gata por aí?

O guardião de estrelas agitou o bastão no ar. Nos seus lugares, a Ursa Maior e a Ursa Menor pararam de brincar, o Touro mugiu, o Sagitário deu um salto e os Peixes emudeceram.

O acendedor de estrelas passou então, e todos começaram a brilhar.

O guardião contou rapidamente as cabeças do seu rebanho.



– Estão aqui todos e não há nenhum a mais.

Virou-se para Antónia e disse-lhe:

– A tua gata não está no céu. Vê antes na Terra. Tu vais voltar a

– Obrigada. Ela é minha amiga e eu estou preocupada porque não a encontro em nenhum lado – explicou Antónia.

Mais adiante, estava alguém sentado e, à sua volta, rodopiavam flocos de neve. Trabalhava com uma faca fina e aguçada e ia contando em voz baixa.

– O que está a fazer?



– 1232. Estou a cortar cristais – explicou o talhador de cristais.

– 1233 cristazinhos de gelo. Todos diferentes. Nenhum é igual ao outro.

E continuava a contar.

– 1234, 1235... nem de mais, nem de menos – observou. – Tudo tem de ter a sua ordem.

Deitava carinhosamente o resultado do seu trabalho para um montinho que ia crescendo ao seu lado.

– Compreendo-te – prosseguiu ele, concentrado no seu trabalho. – Os amigos não se talham. São raros, não caem do céu, como os cristais

de neve. Mas, infelizmente, não vi a tua gatinha. 1236, 1237...

Antónia concordou num aceno de cabeça e continuou o seu caminho.

Caído do céu, surgiu à sua frente o atirador de raios. Estava de cócoras a fazer pontaria por entre duas pequenas nuvens. Um raio reluziu e, em seguida, chegou-lhes ao nariz um forte cheiro a enxofre.

– Trovãozinho, onde estás? – gritou o atirador, já impaciente.

– Já vou! – respondeu uma voz.



Ouviu-se um ribombar e um trovejar fraco. De seguida alguém tossiu.

– Desculpe, constipei-me! Aqui há tantas correntes de ar – queixou-se o trovão, rouco. – Às vezes, o ribombar não sai – acrescentou, cabisbaixo.

E depois espirrou.

– Raios e coriscos, que aborrecimento! – resmungou o atirador de raios. – Eu aqui a esfalfar-me com os meus raios, e não consegues fazer

nenhum barulho de jeito. E tu? – perguntou, virando-se para Antónia. – Por acaso não sabes trovejar e ribombar?

– Não, acho que não – desculpou-se Antónia. – Só vim à procura da minha gata.

O atirador de raios pôs-se a pensar.

– Conheço carneirinhos de nuvens e castelos no ar – respondeu. – Aqui, os gatos não são lá muito bem-vindos.

Pegou no raio seguinte e começou a dobrá-lo meticulosamente.

– Mas ela é minha amiga... – disse Antónia em voz baixa.

O dia passou pela calada da noite puxando a noitinha pela mão.

– Já chega por hoje! – murmurava ele.



Atrás de si arrasta-se o anoitecer. O lusco-fusco agita-se, impaciente.

– Já está a chegar a noite e eu sem ter encontrado a minha gata – lamenta-se Antónia.